

O feminismo na tradução¹

Luise von Flotow

Tradução: Gilmar José Taufer²

Revisão de tradução: Patrícia C.R. Reuillard³

Resumo: O feminismo como importante movimento social das últimas décadas do século XX teve uma certa influência na área da Tradução. Neste artigo, essa influência na Tradução e nos Estudos de Tradução será sucintamente descrita com o propósito de dar uma visão panorâmica. Também tratará do aspecto heterogêneo das ideias feministas e do papel de catalisador que a tradução desempenha ao expor essa heterogeneidade.

Palavras-chave: Tradução; Estudos de Tradução; Feminismo.

Este artigo integra um trabalho mais amplo sobre a influência que teve o movimento feminista das últimas décadas do século XX no campo da Tradução e dos Estudos de Tradução. Trata-se de um breve panorama do que foi realizado em tradução “feminista” até o momento, e do que, atualmente, está sendo feito nos Estudos de Tradução. Nós o propomos, em parte, como uma demonstração do efeito exercido por um determinado contexto cultural e político sobre as práticas de tradução e de pesquisa, que salientará o quanto a tradução, como qualquer atividade criadora, é marcada e determinada pelos movimentos sociais, bem como pela política do seu tempo.

Gostaríamos, também, de levantar questões sobre a tradução como obra cultural que ressalta as diferenças entre as mulheres; o trabalho heterogêneo e crítico realizado no campo dos estudos feministas sobre a tradução parece demonstrar que, ao invés de beneficiar a compreensão mútua, a tradução provoca, frequentemente, “choques culturais” que parecem negar a possibilidade de falar de uma influência feminista internacional. O feminismo deve permanecer nacional, até regional, ou ainda, étnico... ou existem ideias básicas que sobrevivem ao “choque” da tradução? São questões relativas à traduzibilidade “cultural” dos discursos feministas que, por várias razões, trazemos aqui.

Quando das primeiras traduções de determinadas obras feministas experimentais, houve reações que enfatizaram a necessidade de “mediações”, de trabalhos críticos que

¹ Traduzido, com autorização da autora, a partir de Luise von Flotow, “Le féminisme en traduction”, *Palimpsestes* [on-line], 11|1998, postado em 30/09/2013, consultado em 17/03/2022: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/1535>; DOI: <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.1535>.

² Bacharel em Letras Tradutor Português/Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em Engenharia Química pela mesma instituição.

³ Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

possibilitassem tornar esses textos estrangeiros acessíveis à cultura de chegada. Apesar da ideologia que propunha o feminismo como movimento internacional, abrangendo todas as mulheres, a recepção dos escritos feministas estrangeiros – até mesmo sua compreensão – não é fácil. Nos Estados Unidos, foram demandadas “mediações de mediações”, explicações das traduções de certos textos franceses para permitir que o público universitário feminista lesse esses textos muito estranhos. As norte-americanas se diziam simultaneamente fascinadas e ofendidas pelo que se apresentava como um discurso feminista francês – *Le Rire de la Méduse* [O Riso da Medusa], de Hélène Cixous, por exemplo. O problema da diferença cultural surgiu imediatamente. Sandra Gilbert, professora de inglês e feminista de primeira grandeza, expressou seu desamparo da seguinte maneira:

Even when my French is good enough, it's still so much an "other" culture. That makes it both fascinating and fearful, and extraordinarily glamorous. It seems to me that what we need is, in fact, not just mediations [viz. translations], but mediations of mediations. (1981, p. 7)

Bina Freiwald (1991), crítica canadense que se debruçou sobre o problema da recepção do discurso feminista francês na tradução anglo-americana, ressaltou o quanto as resistências ao texto traduzido influenciaram essa recepção. Nesse contexto, o texto crítico – a mediação – que explica a importância do texto estrangeiro, tem mais valor do que o texto traduzido, porque o “choque” da tradução não permite a leitura. Um caso semelhante deu-se na Alemanha, onde as traduções para o alemão dos textos experimentais da norte-americana Mary Daly foram consideradas quase ilegíveis por causa da dificuldade cultural levantada pelos jogos de palavras na tradução (PUSCH, 1990; VON FLOTOW, 1996). Mais uma vez, é a tradução que torna visível o “choque” do discurso feminista estrangeiro e que levanta questões sobre a internacionalização dos movimentos feministas.

No início dos anos 1990, no final de um período que viu muitas “mediações” críticas de textos feministas estrangeiros, surgem novos problemas, como mostraremos na seção “críticas” deste artigo: questiona-se o imperialismo da língua inglesa no movimento feminista, a violência dos discursos feministas, bem como um certo elitismo que se crê identificar em certas abordagens da tradução.

Para elucidar algumas dessas questões, apresentaremos, num primeiro momento, algumas tendências que pudemos observar na prática da tradução das tradutoras feministas anglo-americanas, quebequenses e alemãs. Num segundo momento, trataremos do campo da crítica e da historiografia da tradução do ponto de vista feminista. Na terceira parte deste

artigo, abordaremos o trabalho teórico feminista sobre a tradução e, na quarta, discutiremos as críticas internas ao trabalho feminista. Por “críticas internas” entendemos a crítica proposta por pesquisadores que se dizem feministas, ou por aqueles e aquelas para quem o feminismo é um campo sério de pesquisa, um dos movimentos sociais importantes do século XX.

Nesta apresentação, não iremos tão longe quanto Alice Parker (1993), tradutora e crítica estadunidense da literatura lésbica quebequense, que tenta explorar abordagens *polissexuais* e *multigêneros* da tradução. No entanto, tal como essa americana que trabalha com textos quebequenses, também abordaremos sobretudo textos norte-americanos. Grande parte de nossa documentação é desse país, ou de língua inglesa, uma vez que encontramos muito pouco sobre abordagens feministas na área de Estudos da Tradução em qualquer outra língua europeia. Isso suscita questões sobre a traduzibilidade, para a Europa, do discurso universitário feminista que se estabeleceu na América do Norte, mas que parece desintegrar-se no contexto europeu.

1. Práticas da tradução feminista

1.1 A tradução de textos experimentais

Nos últimos quinze anos do século XX, os problemas de tradução levantados pela “escrita feminista” deram origem a muitos textos. As traduções de textos polissêmicos de autoras como Nicole Brassard (Quebec), Luce Irigaray ou Hélène Cixous conduziram a análises complexas das dificuldades técnicas e dos problemas éticos teóricos. A canadense Barbara Godard foi a primeira a falar da tradutora que “woman-handle” (neologismo criado a partir da palavra *manhandle*, tratar brutalmente) um texto e que “mostra suas garras” nos prefácios ou notas de rodapé (GODARD, 1990). Tal tradutora se apropria do texto, como a autora se apropriou da língua de partida, para manipulá-la de maneira a refletir os interesses feministas. No mesmo espírito, Godard produziu críticas de algumas traduções simplificadas e legíveis demais de textos de Luce Irigaray que, para ela, apequenam o texto, apagando sua estranheza (1991).

Viu-se igualmente a publicação de “hipertraduções” de textos experimentais, como a do livro de ensaios *La Lettre aérienne*, de Nicole Brassard (traduzido para o inglês por Marlene Wildeman, 1989) ou de trabalhos de Mary Daly (traduzidos para o inglês por Wisselinck, 1980), que intentam explicar e comentar até mesmo as referências intertextuais subjacentes, assim como as alusões a obras literárias ou a práticas culturais. Por fim, os problemas

técnicos, linguísticos e, principalmente, culturais levantados pela tradução da cultura lésbica americana foram abordados por tradutoras espanholas e alemãs (DIAZ-DIOCARETZ, 1985, NÖLLE FISCHER, 1995). Todo esse trabalho sobre a tradução de textos experimentais – poéticos e teóricos – levou as tradutoras, como as pesquisadoras, a questionarem-se a respeito da política de tradução: a política pessoal da tradutora, bem como o efeito dessa política sobre a tradução.

1.2 A tradução de textos “ofensivos”

O interesse pelo feminismo incentivou as tradutoras, tradicionalmente em posição de silêncio e de inferioridade, a intervirem nos seus textos. Dessa maneira, vimos tradutoras feministas publicarem comentários sobre suas traduções de textos julgados por elas como “ofensivos”. O trabalho das norte-americanas Carol Meier (1984) e Suzanne Jill Levine (1992) visa determinar como destruir o machismo insustentável dos textos escritos por autores cubanos. A canadense Suzanne de Lotbinière-Harwood mergulhou nos textos escritos em linguagem “genérica” (em francês padrão, “patriarcal”) (DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1989). Por fim, uma antologia de textos escritos por autoras do século XVIII e traduzidos por tradutoras do século XX provocou algumas questões de natureza “política”. Nessa antologia, *Translating Slavery* (1994), as traduções de textos abolicionistas de Madame de Staël, Olympe de Gouges e Claire de Duras são apresentadas e acompanhadas de ensaios, entrevistas e prefácios redigidos por tradutoras contemporâneas que revelam as preocupações feministas do final do século XX. Num primeiro momento, as heroínas negras de textos originais não parecem se ajustar à ideia que o século XX tem das mulheres negras dignas e heroicas; as tradutoras introduzem modificações nesse sentido. Num segundo momento, essas tradutoras se debruçam sobre suas modificações e explicam que seu objetivo é valorizar uma linhagem de escritoras, uma linhagem de mulheres intelectuais que se opuseram ao pensamento ortodoxo. Para isso, é preciso adaptar esses textos ao dissidente espírito feminista de nossa época. Num terceiro momento, as tradutoras compartilham suas reações e seu embaraço pessoais diante dos textos do século XVIII, justificando, mais uma vez, as intervenções implementadas. Uma tradutora afro-americana, em particular, exprime a raiva sentida diante da atitude condescendente que Madame de Staël adota em relação aos negros. Assim, pela atualização da resistência feminina, cria-se a história das mulheres dissidentes.

Essa nova política de tradução considera fatores como a identidade de cada tradutora, o contexto em que ela trabalha e o objetivo almejado. Todos esses fatores são reconhecidos

como integrantes do produto final. A tradução se exhibe, doravante, como tendo um posicionamento.

1.3 Traduzir escritoras "desaparecidas"

O trabalho feminista iniciado nos anos 1970 acarretou a instauração de projetos de tradução colossais a fim de “recuperar” escritos de mulheres “desaparecidas”, colocá-los à disposição do público e ter acesso a outras culturas femininas. Editoras como a *Virago* e a *The Women's Press*, na Inglaterra, a *Frauenqffensive* e a *Orlando*, na Alemanha, ou a *The Feminist Press*, da New York City University, estabeleceram importantes listas de obras de autoras “recuperadas”. A imponente antologia *Women Writing in India* (1991/1993) – em dois volumes, incluindo obras que vão de 600 a.C. até o século XX – constitui um bom exemplo desse trabalho. Mas essas iniciativas tradutórias serão criticadas alguns anos mais tarde.

2. Crítica e história feministas da tradução

2.1 Releitura e crítica

A releitura e a crítica de traduções que são caras ao pensamento feminista constituem um acontecimento importante. Os escritos de Margaret Simons (1983) acerca de *The Second Sex*, de Simone de Beauvoir, assim como a exposição feita por Sussanne de Lotbinière-Harwood (1991) dos erros de tradução de *La Bâtarde*, de Violette Leduc, são exemplos disso. Após um certo tempo, existem críticas a traduções ruins de obras femininas – por exemplo, da autora Christa Wolf, da ex-Alemanha Oriental – e pode-se duvidar da qualidade da tradução da maioria das obras de mulheres, visto que a obra de uma mulher é menos respeitada. Os problemas de supressão de extensas passagens do texto de partida, de tradução ruim que apagam a presença feminina, assim como outros problemas mais sutis de tom ou de estilo, são abordados nesses trabalhos. Por exemplo, nos seus comentários sobre Violette Leduc, Lotbinière-Harwood cita a seguinte frase do original: “Eu nasci quebrada. Eu sou o infortúnio de uma outra. Uma bastarda, enfim” (p. 107). A tradução de Derek Coltman é a seguinte: “I was born broken. I am someone else's misfortune. A bastard”. Essa versão escamoteia o feminino de “de uma outra”, o que apaga a mulher e o fato de que uma criança ilegítima era, normalmente, o infortúnio de uma mulher.

2.2 Reescrever traduções ruins

Na década de 1990, é impossível obter a permissão para retraduzir uma obra como *The Second Sex*, de Simone de Beauvoir, embora nenhuma restrição se aplique à Bíblia. De fato, existem ao menos três versões inglesas de algumas partes da Bíblia produzidas sob influência feminista; também existem versões holandesas e alemãs. Em inglês, a ênfase é colocada na linguagem “inclusiva” (*inclusive language*), a qual engloba os dois gêneros, masculino e feminino, com a mesma equidade, já que a mensagem bíblica se destina a todas as pessoas. Como constatam os pesquisadores – e não apenas as feministas – a versão *The King James*, bem como outras Bíblias inglesas foram escritas e traduzidas do ponto de vista dos homens. As tradutoras feministas procuram apagar a onipresença masculina nesses textos. Com esse objetivo, suprimem todas as imagens e metáforas masculinas de *Deus* (*God the Father*, *The Lord Almighty*), uma vez que Deus não pode ser nem masculino nem feminino. Elas apagam os pronomes masculinos, preferindo repetir o nome próprio de *Jesus*, por exemplo, ao invés de uma proliferação do pronome masculino *he* (ele). Além disso, elas introduzem o nome das mulheres onde ele foi excluído; as mulheres e mães reaparecem nas listas genealógicas. Por fim, as tradutoras, como Joann Haugerud (*The Word for Us*, 1977), e os membros do comitê criador da *Inclusive Language Lectionary*, apresentam e explicam seus trabalhos, “atribuindo-lhe assim, com sua sensibilidade contemporânea, um importante papel. Munida de explicações eruditas e convincentes, Haugerud escreve sobre sua versão contemporânea da Bíblia, ‘gone are the lords, kings and masters’”.

2.3 Análises comparativas de traduções

Diversas análises comparativas de traduções são produzidas sob a influência de pesquisas feministas. Séries de traduções de Safo estão disponíveis, há séculos, bem como a poesia de Louise Labé há 400 anos. Comparar as traduções dessas autoras é também comparar os papéis desempenhados pelas mulheres e atribuídos às mulheres nas culturas tradutoras em diferentes momentos da história. Uma análise contemporânea das traduções de Safo examina o problema da obra incompleta. A maior parte da obra dela é constituída de fragmentos, e Diane Rayer (1991,1992), universitária americana, demonstra que os tradutores, com frequência, ficam tentados a completá-la. Esses “reparos” feitos no texto disseminam, muitas vezes, um preconceito contra o feminino. Ilustremos com o exemplo de um poema no qual a narradora compara sua afeição por sua amiga ausente, Anaktoria, ao

desejo de Helena por Páris. Diane Rayor traduz um verso fragmentado por uma única palavra, "lightly", e continua no verso seguinte: "reminding me now of Anaktoria...". Outro tradutor (Richard Lattimore, 1960) completa o vazio criado por esse fragment, inventando um período inteiro: "Since young brides have hearts that can be persuaded easily, light things, palpitant to passion (as am I, remembering Anaktoria)". Essa reparação não é nada inocente; ela introduz uma referência injustificada ao caráter volúvel e excitável, à falta de racionalidade das jovens esposas (e não esposos), atribuindo à Safo esse *nonsense* patriarcal e tradicional. O trabalho de análise comparada sobre as traduções da obra de Louise Labé (BATCHELOR, 1996) revela “reparos” similares.

2.4 Reencontrar as tradutoras "desaparecidas"

Assim como as autoras “desaparecidas” foram reencontradas, as tradutoras “desaparecidas” são redescobertas. Elas são apresentadas e avaliadas segundo os critérios e linguagem do século XX. Não é, portanto, surpreendente que essas tradutoras sejam mostradas como “subversivas”. Tendo o mesmo objetivo que as tradutoras de *Translating Slavery* – restabelecer uma linhagem de mulheres intelectuais que souberam atuar na própria sociedade –, historiadores e críticos como Margaret Hannay (1985), Douglas Robinson (1996) et Anne Prescott (1985) buscam mulheres/tradutoras “resistentes”. Encontram essa resistência no Renascimento inglês, nos textos de Elisabeth I e de Margaret More Roper (Hannay, ed. 1985); na América do século XIX, na pessoa de Margaret Fuller (Zwarg, 1990); e no México colonial (Alarcon, 1992). A personagem Malinche, intérprete e mulher de Cortés, é reabilitada por tal crítica. Tendo representado, durante séculos, a derrota colonial e a exploração sexual, o embuste e a aniquilação da cultura do país, Malinche é transformada, pela crítica feminista, numa mulher talentosa e inteligente, que explora o passado multicultural que ela adquiriu quando, ainda criança, foi vendida como escrava. Nessas versões, Malinche é uma mediadora, culturalmente neutra, que não “passa” os maias, os astecas, ou as mulheres nativas aos espanhóis, mas lhes permite evitar uma inútil carnificina numa situação de opressão colonialista.

3. Abordagens teóricas

3.1 *Afirmar a subjetividade da tradutora*

Um trabalho importante se desenvolve sobre a subjetividade da tradutora, sobre o modo como ela afirma sua identidade e influencia o texto por ela produzido. Essa tomada de posição encontra-se no debate em torno do livro *Translating Slavery*, assim como na “subversificação” das tradutoras do Renascimento. Ela está igualmente presente nas discussões acerca da censura tradutória dos textos “ofensivos”. Ela é claramente assumida, como uma tomada de posição política, nos prefácios, nos ensaios, nas notas de rodapé e nos discursos. Mais problemático foi o papel de professora/pedagoga que muitas tradutoras feministas adotaram no início do movimento feminista, buscando “pregar a boa palavra”. Podemos criticar essa atitude em Erika Wisselinck, a tradutora alemã de Mary Daly, uma vez que ela intervém incessantemente no texto a fim de explicar os trocadilhos ou de ressaltar a seus leitores as semelhanças de estilo patriarcal entre a língua inglesa e a alemã. A mesma crítica pode ser feita ao trabalho de Marlene Wildeman sobre os textos de Nicole Brossard no Canadá: é um trabalho de hipertradução, no qual os interesses extratextuais da tradutora são introduzidos na versão inglesa. O aspecto subjetivo da tradução provoca, também, um grande interesse, especialmente graças à atenção que o trabalho feminista atribuiu a ele.

3.2 *Reler as metáforas da tradução*

Na história da tradução, os tropos utilizados para descrever o processo da tradução mudam ao longo dos séculos. No entanto, a americana Lori Chamberlain demonstrou o quanto essas metáforas sempre refletiram as estruturas do poder patriarcal, encravadas na concepção de família. Quer o texto seja apresentado como mulher virgem precisando de conselhos do tradutor, quer seja apresentado como mulher escrava que é preciso “violar” e submeter, a violência misógina desses tropos parece atravessar o tempo. Ela associa a posição das mulheres na cultura patriarcal à visão convencional da tradução como atividade de segunda classe, atividade reprodutora que não deixa de reproduzir as hierarquias tradicionais. Lori Chamberlain e outras autoras, como as canadenses Lola Lemire Tostevin e Daphne Marlatt, preferem pensar a tradução em termos menos hierárquicos, menos “familiares”, em termos de contaminação, de “desterritorialização”, ou de combinação. Preferem enfatizar o aspecto cooperativo desse inevitável enfrentamento do texto de partida.

3.3 *Um outro mito da tradução*

Em 1996, uma versão do mito de Pandora foi proposta como uma forma simultaneamente feminista e mais positiva para compreender a tradução, tradicionalmente imaginada pelo mito de Babel. Baseando-se nos escritos de George Steiner e de Jacques Derrida, Karin Littau (1996) mostra como o mito de Babel remete a um passado ideal onde existia uma única língua. Pandora, segurando em seus braços uma cornucópia numa das múltiplas “traduções” do mito, representaria o “serialismo” da tradução, ao passo que Babel, evocando uma língua ideal, a unidade ou a cultura única, pertenceria ao “falocentrismo”. Littau vai mais longe, usando as teorias de Luce Irigaray e mostrando que as diferentes versões de Pandora podem muito bem representar a multiplicidade feminina bem como a multiplicidade da tradução. Embora ainda no início de seu trabalho teórico, Littau o aplica de maneira eficaz às numerosas versões de Lulu n’A *Caixa de Pandora* (Littau, 1995), peça em várias ocasiões censurada, reescrita por Wedekind, produzida numerosas vezes para o palco e para a tela e que viu seus fragmentos “reparados” e comentados por um universitário americano.

3.4 *Críticas*

Essa visão panorâmica do trabalho feminista em tradução dá uma ideia da abrangência da área, que algumas críticas internas ampliam ainda mais. Essas críticas enfatizam o fator das diferenças culturais e políticas existentes entre as mulheres. Nos anos finais do século XX, tais críticas começaram a aparecer com Gayatri Spivak, que ataca o “translationese” (“tradutês”) colonialista utilizado para os textos escritos por mulheres do Terceiro Mundo, e Rosemary Arrojo critica o que ela percebeu como a abordagem oportunista do movimento das mulheres anglo-americanas. Também Robyn Gillam, no Canadá, externou dúvidas quanto à iconografia nas traduções inglesas do trabalho de Nicole Brassard.

3.5 *Spivak: corrente dominante do “tradutês”*

É paradoxal constatar que o desejo de colocar os escritos das mulheres do Terceiro Mundo à disposição das mulheres falantes do inglês, inicialmente um ato de benevolência, tenha se transformado num ato de traição. De fato, o desejo de incluir o Terceiro Mundo no feminismo dos países industrializados tem como corolário a necessidade de eliminar os traços

de racismo no pensamento feminista da classe média branca e de “dar a palavra” a escritoras desconhecidas, silenciadas ou esquecidas. Gayatri Spivak (1992), no entanto, levanta um certo número de problemas. Ela afirma que a maioria desses textos são traduzidos para uma linguagem de fácil leitura para os preguiçosos leitores anglófonos. Além disso, as antologias são preparadas por universitários igualmente preguiçosos, que frequentemente não fazem distinção, ou até não podem fazer, entre textos conformistas e textos que se opõem aos aspectos dominantes da cultura do Terceiro Mundo onde são publicados. Desses dois problemas, segundo Spivak, decorre que a “retoricidade” – o estilo particular do texto de partida – é negligenciada; é dessa forma que “a literatura da mulher na Palestina começa a se assemelhar na sua prosa a algo produzido por um homem de Taiwan”. Em outros termos, embora as mulheres ocidentais estejam perfeitamente conscientes das diferenças existentes entre elas, têm a tendência a ocultar as diferenças que existem entre as mulheres do Terceiro Mundo. Conforme Spivak, esses atos feministas de benevolência apenas são, na realidade, manifestações da “lei do mais forte”, lei que, ademais, adota nesse momento a tradução para o inglês como “a maneira mais fácil de ser democrático em relação às minorias”.

3.6 Arrojo: *O movimento das feministas*

Rosemary Arrojo (1994,1995) investe contra as tradutoras e teóricas que aplicam a política feminista à tradução. Seu interesse reside na descoberta de uma ética universal, um meio mais adequado de ser fiel a um texto em tradução. Sua crítica apoia-se em três pontos. Em primeiro lugar, as tradutoras que sustentam que sua interferência feminista num texto é fiel ao sentido do texto fonte (o texto de partida é bastante “aberto” para permitir isso) são incoerentes de um ponto de vista teórico. Por um lado, elas pretendem a “fidelidade”, por outro, elas querem destruí-la. Em seguida, Arrojo desaprova a abordagem maniqueísta que atribui a certas críticas feministas. Afirma que suas metáforas da tradução [(*woman-handling* ou *hijacking* (desvio))] são tão violentas quanto aquelas que elas criticam nos escritos de teóricos e de tradutores. Em terceiro lugar, Arrojo não tolera as referências generalizadas à desconstrução, das quais algumas se valem para justificar suas intervenções. Por exemplo, Arrojo não aceita a abordagem que afirma que o sentido é, de qualquer forma, instável e que, conseqüentemente, um sentido feminista pode ser atribuído ao texto. Ela procura corrigir o que entende como interpretações feministas inadequadas dos textos de Derrida e outros, admitindo que existe uma leitura correta. Ela não aceita que as feministas façam uma leitura “estratégica” de tais obras, uma leitura que responda às suas necessidades.

3.7 Gillam: a tradução elitista

A crítica recente feita por Robyn Gillam (1995) sobre a prática feminista da tradução tem outra origem. Gillam escreveu do interior da área da “iconografia feminista” canadense, sugerindo que as traduções produzidas sob a perspectiva feminista são destinadas a uma elite universitária que deve ser bilíngue para poder compreendê-las e usá-las. Esses textos não trazem grande coisa às outras mulheres anglófonas e tornam, na realidade, os textos de partida, já obscuros, textos ainda mais complicados. Segundo ela, os leitores e leitoras apenas podem, muitas vezes, maravilhar-se diante do virtuosismo linguístico da autora e da tradutora. Gillam fundamenta sua crítica em algumas traduções da obra de Nicole Brassard. Segundo ela, os canadenses anglófonos e francófonos têm um sentimento político diferente em relação à língua. A desconstrução linguística não seria tão carregada de sentido para o Canadá anglófono quanto para o Canadá francófono; neste a força política da língua faz parte da vida cotidiana. Desse modo, complicar as metáforas e os trocadilhos, concentrar-se no som das palavras mais do que no sentido em uma tradução desse gênero não passa de um “jogo intelectual” reservado a uma elite.

Comentário

É interessante sublinhar que, embora ambas se digam feministas, Gillam e Spivak parecem ter pontos de vista opostos. Realmente, Gillam deseja que os textos feministas, em todos os gêneros, sejam acessíveis às mulheres ativistas, que o feminismo seja popularizado. Ela recomenda a eficácia, exigindo, por exemplo, menos iconografia em torno da autora canadense Nicole Brassard. Spivak, por seu lado, recomenda uma prática de tradução que resista às exigências anglófonas por uma leitura fácil. Ela quer o respeito pela diferenciação. O fosso entre essas duas posições pode ser interpretado como sendo uma diferença de perspectiva cultural e política: Gillam é uma universitária canadense anglófona que opõe duas abordagens da escrita no Canadá, a de duas classes médias brancas, em duas línguas que coexistem no interior de uma entidade política. Ela espera uma interação feminista que não se limite a um nível universitário obscuro. Sua crítica – específica ao contexto canadense – se dirige a certos aspectos da ideologia feminista, no Canadá, que ameaçam mutilar o debate. Spivak, por sua vez, se preocupa com as línguas e culturas cuja relação é marcada pela desigualdade econômica e pela colonização. Para ela, a tradução que tenta vulgarizar o

trabalho de escrita das mulheres do Terceiro Mundo torna-se uma outra forma de imperialismo, um meio de tranquilizar as consciências ocidentais culpadas.

As falas de Arrojo são muito diferentes. Ela desaprova a abordagem radical e conflituosa que algumas feministas anglo-americanas adotam. Em contrapartida, ela é favorável a uma forma de “infidelidade ética”, que responderia à infidelidade que toda tradução impõe. Escrevendo num tom preferentemente moralizador, ela critica o viés feminista e deseja “retornar” a um discurso consensual e universalista da tradução. Seu discurso é bem distante daquele do feminismo ativista, que enfatiza uma declaração clara das políticas pessoais e aborda as questões da subjetividade, do “posicionamento” e do momento histórico, elementos que têm um efeito sobre cada tradução e cada leitura, bem como sobre cada julgamento de valor (LAKOFF, 1992). Todavia, o trabalho de Arrojo evidencia a complexidade cultural dos problemas levantados pela escrita e tradução feministas. O que é revolucionário e subversivo para uma mulher, parece histriônico e oportunista para outra.

Isso nos remete à primeira questão: haja vista, de um lado, a diversificação das abordagens feministas nos estudos de tradução e, de outro, as diferenças entre as mulheres tornadas explícitas pela tradução, como responder ao desafio de internacionalização do discurso feminista? É necessário limitar-nos a explicações de textos, a mediações, em vez de basear o trabalho feminista em traduções que não podem senão chocar? Como responder ao fato de que a tradução desempenha um papel precário nesse contexto onde existem diversas formas de feminismo, e cada uma depende da história, da cultura e do contexto próprio de cada grupo?

Pensamos que o debate deve prosseguir. Mesmo que a tradução, muito mais que a crítica literária ou a escrita biográfica, atraia a atenção para as numerosas diferenças culturais existentes entre as mulheres, é somente através de uma exploração contínua dos processos diferenciadores que teremos sinais de compreensão. De fato, foi graças a mais de 25 anos de trabalho, em diferentes culturas, que o movimento feminista pôde marcar outros discursos ditos “universais” com suas diferenças.

Referências

ALARCON, Norma. "Traduttora, Traditora: A Paradigmatic Figure of Chicana Feminism", **Cultural Critique**, Automne 1989, pp. 57-87.

ALCOFF, Linda. "Cultuel Feminism versus Post-structuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory", **Culture, Power, History. A Reader in Contemporary Social Theory**.

Eds. Dirks, Nicholas B., Geoff Eley & Sherry B. Ortner. Princeton, NJ. : Princeton University Press, 1994, pp. 96-122.

ALCOFF, Linda. **An Inclusive Language Lectionary**. Philadelphie: Westminster Press, 1983.

ARROJO, Rosemary. "*Fidelity and the Gendered Translation*", **TTR**, VII, 2, 1994, pp. 147-164. DOI: [10.7202/037184ar](https://doi.org/10.7202/037184ar)

ARROJO, Rosemary. "Feminist 'Orgasmic' Theories of Translation and their Contradictions". **TradTerm**, Sao Paulo, 2, 1995, 67-75. DOI: [10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49916](https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49916)

BATCHELOR, Jane. "Changing the Agenda: Gender Consciousness in relation to Louise Labé's Sonnets". Communication présentée au colloque **EST** à Prague, en 1995.

CHAMBERLAIN, Lori. "Gender and the Metaphorics of Translation", **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**. Ed. Lawrence Venuti, Londres; New York: Routledge 1992, pp. 57-74.

DALY, Mary. **Gyn/Ecology. The Metaethics of Radical Feminism**. Boston: Beacon Press, 1978. Tr. Erika Wisselinck, *Gyn/Ökologie, eine Meta-Ethik des radikalen Feminismus*. Munich: Frauenoffensive, 1980.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. "About the *her* in other". Preface to **Letters from an Other** by Lise Gauvin, Toronto: The Women's Press, 1989.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. **Re-Belk et Infidèle. La Traduction comme pratique de réécriture au féminin / The Body Bilingual. Translation as a Rewriting in the Feminine**. Toronto: The Women's Press; Montréal: Les Editions du remue-ménage, 1991.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. "Geographies of Why", **Culture in Transit**. Ed. Sherry Simon. Montréal: Véhicule Press, 1995.

DIAZ-DIOCARETZ, Miriam. **Translating Poetic Discourse: Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich**. Amsterdam: Benjamins, 1985.

FREIWALD, Bina. "The Problem of Trans-Lation: Reading French Feminism". **TTR**, Vol. IV, 2, 1991, pp. 55-68. DOI: [10.7202/037093ar](https://doi.org/10.7202/037093ar)

GILLAM, Robyn. "The Mauve File Folder: Notes on the Translation of Nicole Brassard". **Paragraph** 16, 1995, 812.

GODARD, Barbara. "Theorizing Feminist Discourse/Translation". **Translation, History and Culture**. Eds. Bassnett, Susan & A. Lefevere. Londres: Pinter Publishers, 1990.

GODARD, Barbara. "Translating (With) the Speculum". **TTR**, Vol. IV, No. 2, 1991, pp. 85-121.

HANNAY, M (ed.). **Silent But for the Word: Tudor Women as Patrons, Translators, and Writers of Religious Works**. Kent: Kent State University Press, 1985.

HAUGERUD, Joann. **The Word for Us**. Seattle, 1977.

KADISH, Doris & MASSARDIER-KENNEY, Françoise (eds.). **Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823**. Kent: Kent State University Press, 1994.

LEVINE, Suzanne. "Translation as (Sub) Version: On Translating *Infante's Inferno*", **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**. Ed. Lawrence Venuti. Londres; New York: Routledge, 1992, pp. 75-85.

LITTAU, Karin. "Refractions of the Feminine: The Monstrous Transformations of Lulu". **Modern Language Notes**, 110 (4), 1995, pp. 659-76.

LITTAU, Karin. "Pandora's Tongues", communication présentée au colloque **EST** à Prague en 1995. DOI: [10.7202/037391ar](https://doi.org/10.7202/037391ar)

MAIER, Carol. "A Woman in Translation, Reflecting". **Translation Review** 17, pp. 4-8.

NÖLLE-FISCHER, Karen. "Können weibliche Schreibweisen Bewegung in die Geschlechterbeziehungen bringen?" **Der Übersetzer**. Munich, 29Jg. Nr.1, pp. 1-8.

PARKER, Alice. "Under the Covers: A Synaesthesia of Desire (Lesbian Translations)". **Sexual Practice, Textual Theory: Lesbian Cultural Criticism**. Eds. Susan J. Wolfe & Julia Penelope, 1993, pp. 322-339.

RAYOR, Diane. **Sappho's Lyre. Archaic Lyric and Women Poets of Ancient Greece**. Berkeley: University of California Press, 1991.

RAYOR, Diane. "Translating Sappho: Who Speaks?" Communication présentée au colloque **MLA** de décembre 1992.

ROBINSON, Douglas. "Theorizing Translation in a Woman's Voice, Subverting the Rhetoric of Patronage, Courtly Love and Morality". **The Translator**, Vol. 1, No.2, 1995, pp. 153-175.

SIMONS, Margaret. "The Silencing of Simone de Beauvoir, Guess What's Missing from *The Second Sex*". **Women's Studies International Forum**, Vol. 6, No. 5, 1983, pp. 559-564.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty. **In Other Worlds: Essays in Cultural Politics**. New York; Londres: Routledge, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty. "**The Politics of Translation**". *Destabilizing Theory*. Ed. Michèle Barrett & Anne Phillips. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1992.

STEINER, George. **After Babel. Aspects of Language and Translation**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

THARU, Susie et LALITA, K. eds. **Women Writing in India**. Vols. 1 and 2, New York: The Feminist Press at the City University of New York.

TOSTEVIN, Lola Lemire. "Contamination: A Relation of Differences". **Tessera**, Vol. 6, pp. 13-14. DOI: [10.25071/1923-9408.23576](https://doi.org/10.25071/1923-9408.23576)

VON ANKUM, Katharina. "The Difficulty of saying "I": Translation and Censorship of Christa Wolf's *Der geteilte Nim Himmel*". **Studies in 20th Century Literature**, Vol. 17, No.2, Eté 1993, pp. 223-241.

VON FLOTOW, Luise. "Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories". **TTR**, Vol. IV, No. 2, 1991, pp. 69-84. DOI : [10.7202/037094ar](https://doi.org/10.7202/037094ar)

VON FLOTOW, Luise. "Québec's "Ecriture au féminin" and Translation Politicized". **Transvases Culturales : Literatura, Cine, Traducción**. Eds. F. Eguiloz, R. Merino et al., Vitoria (Espagne) : Facultad de Filología, Universidad del País Vasco, 1994, pp. 219-229.

VON FLOTOW, Luise. "Translating Women of the Eighties: Eroticism, Anger, Ethnicity". *Culture in Transit: Translating the Literature of Quebec*. Ed. Sherry Simon, Montréal: Véhicule Press, 1995, pp. 31-46.

VON FLOTOW, Luise. "Weiblichkeit, Zweisprachigkeit und Übersetzung: Kanada". **Literarische Polyphonie**. Eds. Strutz, Johann & Peter Zima, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1996.

VON FLOTOW, Luise. "Legacies of *écriture au féminin*: Bilingual Transformances, Translation Politicized, Subaltern Versions of the Text of the Street". **Journal of Canadian Studies**, 1996. DOI : [10.3138/jcs.30.4.88](https://doi.org/10.3138/jcs.30.4.88)

VON FLOTOW, Luise. "Mutual Pun-ishment? The Translation of Feminist Wordplay: Mary Daly's *Gyn/Ecology* in German". **Traductio: Essays on Punning and Translation**. Ed. Dirk Delabastita, Namur: Presses Universitaires de Namur; Manchester: St. Jerome Press, 1997 (no prelo).

VON FLOTOW, Luise. **Gender and Translation**. Translation in an "Era of Feminism", Manchester St. Jerome Publishing; Ottawa: University of Ottawa Press, 1997.

WILDEMANN, Marlene. "Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act". **Tessera : La traduction au féminin. Translating Women**, Vol. 6, Printemps 1989, Toronto.

ZWARG, Christina. "Feminism in Translation: Margaret Fuller's Tasso". **Studies in Romanticism** 29, 1990. DOI : [10.2307/25600855](https://doi.org/10.2307/25600855)